

SUBVERSÃO E ENTENDIMENTO NA OBRA DE ARTE LITERÁRIA: a escritura de Luiz Antonio de Assis Brasil

Maria Helena de Moura Arias (PG-UNESP-Assis/SP)

Síntese ao primeiro ato

Ao necessitar recompor textos e papéis é possível descobrir nuances jamais percebidas. Quanto aos livros, todos aparentemente sóbrios, sobressaem ordens e orientações, de maneira sub-reptícia, suavemente sem tocar em nossos apavorados escrúpulos, fazendo-nos fisgar aqui e ali um ou outro elemento que se encaixe exatamente dentro de nossos propósitos, evitando assim que as sobras tomem conta de toda a produção. Quanto aos nossos objetivos: quais são eles?

Constantemente nos surpreendemos a buscar alguma ponta solta, um nozinho mal atado ou uma saída inesperada para atender àquilo que conhecemos como objetivos ou metas, bem sabendo que trata-se de algo muitas vezes mal explicado e de que nem nós mesmos temos tanta certeza. O objetivo é antes tudo o que estamos vendo do outro lado da ponte. Mas obviamente que o que vemos nem sempre está tão visível assim, podemos nos enganar com oásis fixados em algum extremo de nossas miragens. A meta a ser seguida poderá se decompor no exato momento em que imaginamos tê-la alcançado. Trata-se então de algo incerto, ou de consequências descabidas. Por que então seguir em frente? Porque é o que se nos apresenta a ansiedade. A decisão em colocar tudo de forma a justificar nossa trajetória, as conjugações de rios e seus nebulosos afluentes. Objetivos e metas, felizmente não são atingidos integralmente e o que nos resta é prosseguir. Para os lados, para cima, ou para baixo, estes delimitam o enfoque e ajustam nosso ponto de vista.

Ao decidir por este trabalho, levei em conta seu alcance e durabilidade, intimamente pensando que na arte nada finda. Mas pode sujeitar-se a golpes fatais, conquanto não se proteja. O assunto em pauta é a obra de Luiz Antonio de Assis Brasil, escritor gaúcho, radicado em Porto Alegre, com o que há de mais verdadeiro e eficaz no que se refere à base desta palavra (extremo de raiz). Ou seja, Assis Brasil, não acredita que atualmente o escritor deva permanecer em grandes centros para divulgar seu trabalho e argumenta que "hoje em dia a pessoa pode viver assim, no meio do deserto do Saara que faz contato com o mundo todo. Por isso, o lugar onde você está, não é o mais importante".¹

Além disso, neste artigo pretende-se apresentar parte da obra deste escritor e tecer comentários comparativos entre cada um de seus livros. Obra esta que pode ser identificada como sendo de caráter universal e ajustada com os propósitos da ficção contemporânea, basicamente, a liberdade estética.

Por outro lado, tudo que aqui se apresentar deverá ter um significado mais substancial e palpável, porque será uma homenagem a este escritor que completa 30 anos de carreira produtiva, desde sua estréia em 1976 com o livro *Um quarto de légua em quadro*.

A este que é crítico tanto quanto escritor delega-se a parte viva da obra, tema pulsante; ao leitor cabe abrandá-la, sorvê-la, assim como se respira.

O artista e sua obra

A literatura contemporânea, como o próprio nome diz, está acontecendo. Distante e muitas vezes aqui ao lado, é um vento que sopra, ainda podemos senti-lo. Assim, todas as afirmações sobre ela podem cair em suave relativismo, embora possam aparentar absolutas. Uma ponte que se constrói sobre um rio desconhecido. Para conhecer sua profundidade e seus abismos convém apoiar-se no artista da palavra. Iniciativa que diferencia a análise de textos literários produzidos atualmente daqueles criados em um passado obscuro onde se entrevê o escritor morto. Desta forma, Assis Brasil, está explícita ou implicitamente envolvido neste trabalho, apesar de que sua cumplicidade se detém nos entremeios e reticências.

Por isso, cabe aqui explicar que a inclusão de informações detalhadas sobre Assis Brasil são necessárias já que estas e, principalmente quando se trata de autores contemporâneos, nem sempre são acessíveis, além do que certamente elas irão contribuir para uma observação mais atenta a respeito do autor e respectiva produção desde o início de sua carreira como escritor.

Notadamente, Assis Brasil tem toda a sua produção literária vinculada ao Romance-histórico, com poucas exceções, pois afirma que se sente melhor escrevendo textos sobre o passado porque: " parece que tenho maior liberdade criativa escrevendo sobre o passado, ou cuja ação se desenvolva no passado. Ou também pode ser uma idéia fantasiosa de que a emoções humanas eram mais dramáticas"²

E esta obra de caráter histórico encontra respaldo nas projeções feitas por Fernando Aínsa quando estabelece fronteiras entre o Romance Histórico tradicional e o contemporâneo:

Al mismo tiempo que se "acerca" al acontecimiento real, la nueva novela historica toma distancia en forma deliberada y consciente com relacion a la historiografia "oficial", cuyos mitos fundacionales se han degradado. (AINSA, 1991, p. 83)

Sobre a obra de Luiz Antonio de Assis Brasil, é necessário apontar o que disse Luiz Morobin:

A trilogia de Érico Veríssimo de " O tempo e o Vento"- "O Continente"; " O Retrato" , " O Arquipélago" tem um contraponto na saga rio grandense de Luiz Antonio de Assis Brasil. O Pannel evolutivo do Rio Grande do Sul só não é idêntico nos dois autores regionalistas, mas análogo, isto é, parte semelhante, parte diferente. Ambos de fundo histórico do Rio Grande do Sul, mas diferem no acento e no enfoque. Érico Veríssimo mantém-se equidistante entre a exaltação do monarca das coxilhas e o herói - pobre diabo, do período da decadência das estâncias da fronteira. Luiz Antonio de Assis Brasil, carrega indiscutivelmente, as tintas na sátira ao monarca das coxilhas, ao herói que hoje já não existe e, talvez nunca existiu. (MAROBIM, 1985, p.122).

No entanto, o próprio Assis Brasil, que efetivamente foi comparado a Érico Veríssimo à época de sua estréia como Romancista, jamais aceitou o fato e escreveu uma espécie de nota explicativa sobre o assunto, em que se destaca:

A frase do crítico atormentou-me por algum tempo. Pensei que meus livros e todo os outros que viessem, não teriam a menor importância, dado que haveria sempre alguém a invocar a herança literária de Érico.

Os temas não pertencem a ninguém. Eles são da vida e das circunstâncias. A perspectiva de cada escritor é que será o verdadeiro divisor de águas. O pampa não é o pampa. O pampa do escritor A não é o pampa do escritor B.³

Luiz Antonio de Assis Brasil é Romancista e Doutor em Letras (1987) ; Pós-doutorado em Literatura Açoriana (1992 - Universidade dos Açores) ; Visiting scholar na Brown University, Providence (1998) ; Distinguished Brazilian Writer in Residence. University of California - Berkeley (2000) . Atualmente é Professor Titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Escreveu 17 livros.

Textos publicados no exterior: Em livro individual- Espanha: *Concierto Campestre*. Madrid: Akal, 2003 (Trad. de Juana María Inarejos Ortiz); França: *Homme Amoureux*. Paris: L'Harmattan, 2003 (Trad. de Elaine Penny); Portugal: *O Pintor de Retratos*. Porto: Ambar, 2003. *A Margem Imóvel do Rio*. Porto: Âmbra, 2005; *Um Quarto de Léguas em Quadro*. Ponta Delgada (Açores), Direção Regional das Comunidades, 2005; Em antologias: Itália: *Perverse Famiglie*. Nápoles: Scrittori Brasiliani. Giovanni Ricciardi, Tullio Pironti Editore, 2003. ; Canadá: *Un château dans la pampa*. Montreal: Liberté, vol. 36, 1994; Alemanha: *Donnerstag - em Nachdenken über eine Reise ohne Ende*. Berlim: Babel Verlag, 1994; Estados Unidos: *A Castle on the Pampa*. New York: Latin American Literature And Arts, vol. 53, 1996.

Biografia

Nascido em 1945, Luiz Antonio de Assis Brasil é um porto-alegrense que elegeu o Rio Grande do Sul como casa e um quarto de milênio de história como cronologia pessoal. Passou parte da infância em Estrela, com a família, que de lá retornou à capital em 1957. Cinco anos mais tarde, o jovem Luiz Antonio começa a estudar violoncelo.

Em 1963 termina o curso clássico. O ano do golpe militar coincide com sua entrada no exército. Um ano mais tarde Luiz Antonio ingressa no curso de Direito da PUCRS e também passa a fazer parte da OSPA - Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. Forma-se em Direito em 1970 e em 1975 inicia a colaborar na imprensa com artigos históricos e literários.

Estréia com *Um quarto de léguas em quadro*, lançando o romance na 32ª Feira do Livro de Porto Alegre, e que lhe deu o Prêmio Ilha de Laytano. Mais um ano e mais um romance, *A prole do corvo*. Em 1981 é lançado *Bacia das almas*. No ano seguinte, *Manhã transfigurada*, e em 1983 o já consagrado Luiz Antonio de Assis Brasil assume a direção do Instituto Estadual do Livro.

Em 1984 vai à Alemanha, como bolsista do Goethe-Institut. Em 1985 lança aquele que, segundo o autor, é seu livro com maior carga emocional, *As virtudes da casa*. Começa a coordenar a Oficina de Criação Literária do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, em atividade até hoje. Mais um ano, mais uma obra, e desta vez uma pausa nos grandes painéis de revisão histórica ficcionalmente tratada: publica *O homem amoroso*, uma novela com forte acento autobiográfico. *Cães da província*, em 1987, retoma o ciclo histórico, adotando Assis Brasil o dramaturgo José Joaquim de Campos Leão, o Qorpo-Santo, como personagem e evocando os tenebrosos crimes da Rua do Arvoredo. O romance, aliás, deu o título de Doutor em Letras ao autor e fez jus ao Prêmio Literário Nacional, do Instituto Nacional do Livro.

Em 88 Assis Brasil recebe da Câmara Municipal de Porto Alegre o Prêmio Erico Verissimo, pelo conjunto de sua obra. *Videiras de cristal*, que recria a saga dos Muckers, é

lançado em 1990. Nova experiência é o romance em três volumes *Um castelo no pampa*, que se divide - o autor insiste que não é uma trilogia - em *Perversas famílias* (1992 - ganhador do Prêmio Pégaso de Literatura, da Colômbia), *Pedra da memória* (1993) e *Os senhores do século* (1994). *Concerto campestre*, *Breviário das terras do Brasil* e *Anais da Província-boi* saem em 1997, ano em que o romancista é eleito Patrono da 43ª Feira do Livro de Porto Alegre. Em 1998 é palestrante convidado na Brown University, em Providence, USA e em 2000 participa do programa *Distinguished Brazilian Writer in Residence*, na Berkeley University, Califórnia.

Em 2001 publica *O pintor de retratos*, que recebe o Prêmio Machado de Assis, da Fundação Biblioteca Nacional. Em 2003 lança *A margem imóvel do rio* e acontecem três publicações no Exterior: *O pintor de retratos* sai em Portugal pela Editora Âmbar, do Porto; *O homem amoroso* é publicado pela Editora l'Harmattan, de Paris (*l'Homme Amoureux*), e na Espanha, pela Editora Akal, de Madrid, lança a tradução de *Concerto campestre* (*Concierto campestre*). Também em 2003 publica um livro de ensaios literários pela Editora Salamandra, de Lisboa: *Escritos açorianos: tópicos acerca da narrativa açoriana pós-25 de abril*.⁴ O escritor também recebeu inúmeros prêmios literários.⁵

Ainda, a respeito da música, Assis Brasil considera que a mesma é fator importante em sua vida e, dois de seus livros, *Concerto Campestre* e *O Homem Amoroso*, têm a música como temática:

Por isso, diria que a música é importante como tema e como busca de sonoridade no texto. Não que eu vá fazer poesia no texto narrativo ficcional, mas sem dúvida quero que meu leitor saiba que ele está em contato com uma obra que pretende ser também expressiva do ponto de vista do ritmo da frase e da articulação dos parágrafos.⁶

O espelho de quem construiu - síntese das obras

***Um quarto de légua em quadro* (1976) - paraíso e inferno**

Primeiro romance de Luiz Antonio de Assis Brasil, escrito inicialmente com a intenção de, de acordo com o próprio autor, resgatar a história de seus ancestrais açorianos. Tudo começou com uma pesquisa de caráter meramente histórico já que Assis Brasil, naquele período se recuperava de uma grave doença e estava recentemente deixando a profissão de músico da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre:

J.P.T.: Quando começou a escrever "profissionalmente"? Assis Brasil - Em 1974 tive uma doença gravíssima, que implicou e internamento hospital, cirurgia, risco de vida, etc. Na convalescença comecei a escrever aquilo que seria meu primeiro livro, "Um quarto de légua em quadro". Não tinha idéia do que se tratava. Minha intenção original era escrever uma obra histórica sobre o povoamento açoriano no Rio Grande do Sul. Pois virou romance, e desde aí não parei mais.⁷

O livro reconstitui a saga de famílias açorianas que deixaram seu país de origem levados pela promessa de uma vida promissora em uma terra distante. Atendendo a um edital do rei de Portugal Dom João V de 31 de agosto de 1746, estas foram enviadas a uma região brasileira praticamente desabitada, no caso Santa Catarina e Rio Grande do

Sul e que necessitava urgentemente de núcleos populacionais para garantir a soberania do país.

No entanto, como aponta Regina Zilberman:

[...] A perspectiva que a obra enfoca a ocupação do Rio Grande é crítica e desmistificadora: denuncia não apenas os percalços administrativos, como a má vontade dos que já estavam estabelecidos e não queriam perder seus privilégios como Jerônimo de Ornellas. (ZILBERMAN, 1982, p. 94).

Dentre as diversas promessas de el rei, destaca-se a seguinte : "se dará a cada casal um quarto de légua em quadra"⁸. Ao que parece, este foi o mote principal para iniciar o romance. No entanto, o que diferencia este livro de um relato histórico como poderia supor seu autor, é a proposta inovadora, pois a sugestão para o título, de acordo com o narrador faz parte do diário do médico Gaspar de Fróis, protagonista do livro : "Para título da obra, posto que nam se vio ainda obra sem titulo uzamos as ultimas palavras do Terceiro Caderno: Um Quarto de Legoa em Quadro" (ASSIS BRASIL, 1997, p.7). Evidencia-se a grafia supostamente arcaica em um texto de conotação irônica, fator este que determinaria o estilo do escritor para seus futuros romances.

Verifica-se na década de 70, período em que o livro foi lançado, que os Romances, em sua maioria, trabalhavam com a temática urbana. Disputando entre si aspectos estruturais diversos, muitas vezes influenciados por escritores hispano-americanos como Alejo Carpentier, Mario Vargas Lhosa e Gabriel Garcia Márquez, por exemplo. No entanto, *Um quarto de légua em quadro*, além de surgir como Romance Histórico, já começa a desestruturar alguns conceitos referentes ao que se conhecia até então sobre este gênero. Isto é, sua novidade é principalmente a de contar a história pela perspectiva deste suposto diário. A inserção de trechos deste documento faz com que a narrativa pareça convincente, deixando o leitor com uma dúvida que é: Será que existiu o tal documento? Ao mesmo tempo em que isto não importa, visto que é ficção. Ou poderá acreditar que esta história foi intencionalmente inventada para mostrar questões importantes que até então não haviam aparecido na história oficial, como as dificuldades das famílias envolvidas naquele projeto megalomaniaco. Mais especificamente, expor os conflitos vividos por um destes colonos, no caso o médico Gaspar de Fróis o qual sente compaixão pelo sofrimento de seus compatriotas, mas acha-se impotente para tomar alguma atitude e que por isso, acredita-se culpado.

O olhar do narrador media a ansiedade do protagonista em sua relação com o contexto. Não lhe atribui um caráter forte e valente, como se verificava em romances históricos tradicionais, pelo contrário, o personagem é um poço de dúvidas e contradições. Esforça-se, porém, para demonstrar alguma coragem e destreza, mas sem resultados.

A prole do corvo (1978) - a guerra e a paz

Esta obra foi escrita no período de junho de 1976 a julho de 1977. Ou seja, logo em seguida ao lançamento do primeiro livro. A temática é histórica e, neste Romance, Assis Brasil já inicia um processo de desmistificação dos heróis riograndenses. O livro tem como protagonista Filhinho Paiva, reconhecido como herói dos Farrapos o qual faz parte do decadente grupo de soldados comandados pelo major Firmino. Filhinho é o oposto dos heróis tão imitados pelos soldados, pois tinha uma boa vida na estância

Santa Flora, sem preocupação ou trabalho, jamais imaginou sequer participar de qualquer guerra.

A morte é simbolizada pela constante presença dos corvos que acompanham o triste regimento. E a guerra é personagem a parte. Sua presença constante, ou a espera por mais uma batalha, faz dela criatura que permanece; seja através do treinamento aos soldados; seja pelas lembranças; seja em sua efetiva concretização, ou seja através do medo que a representa.

Filhinho acredita que foi para a guerra, porque seu pai, o Coronel Chicão Paiva, não tendo cavalos para doar à campanha de Bento Gonçalves, foi convencido pelo major Firmino que alistasse seu filho e, desta forma, poderia ajudar os revolucionários. Justifica sua presença naquela guerra dizendo ter sido trocado por cavalos. Enquanto Filhinho estava fora, o Coronel Chicão morreu. Sua irmã Laurita, assume a administração da fazenda e, especialmente neste momento, o narrador inicia um trabalho delicado e minucioso que dá relevo à psicologia feminina. Apresenta a força de caráter daquela mulher que tendo sido rejeitada por seu marido, nunca mais o aceitou de volta. Além disso, ela comanda a fazenda Santa Flora, cuidando dos detalhes da rotina juntamente com os empregados.

A personagem Laurita representa o início de uma investigação relacionada ao universo feminino e todos seus conflitos e desafios. É curioso observar que em meio àquela guerra, representação exclusivamente masculina, com todos seus acessórios e adjetivos, seja possível acentuar a presença de uma mulher aparentemente frágil, mas que controla as situações mais constrangedoras criadas por seu pai, o Coronel.

Desta forma, em *A Prole do Corvo*, verifica-se a tomada de decisão de Assis Brasil em trabalhar com este universo intuitivo e nebuloso. As obras seguintes é que poderão confirmar.

***Bacia das almas* (1981) - a quem interessar possa**

Ao buscar no dicionário o significado de "bacia das almas", já que este termo incitou certa curiosidade, não foi sem surpresa, verificar que refere-se a: venda de algum objeto a um preço muito abaixo do valor real, por exemplo, pode-se dizer que "fulano vendeu seu cavalo na bacia das almas". Mas afinal de contas, não é necessário conhecer o significado do título para entender o livro que é o terceiro lançado por Assis Brasil e foi escrito no período de outubro de 1977 a janeiro de 1981. Este retoma alguns temas já idealizados em *A prole do corvo*, especificamente do que se trata da demistificação do herói. Neste romance, o autor trabalha com o núcleo familiar, supondo uma perspectiva patriarcal e sua conseqüente desconstrução. Após a morte do coronel Trajano, descendente de Filhinho Paiva, sua história é recontada por personagens de sua convivência. Mas estas narrativas buscam efetivamente enterrar o coronel que, mesmo depois de morto, continua a interferir na vida de seus familiares e da população da cidade de Águaclara. O fantasma do coronel que permanece, será abatido gradualmente através destas histórias as quais lembram as atividades ilícitas e os desmandos de Trajano, prefeito e dono da cidade, membro da maçonaria e cego seguidor da filosofia positivista de Auguste Comte.

Desta forma, pode-se afirmar que Trajano morre duas vezes: a primeira morte ocorre de forma natural de acordo com os desígnios biológicos; a segunda morte é encomendada pela vontade de reafirmação das pessoas que sempre tiveram no coronel um exemplo de vida, ou que pelo menos fingiam pensar assim, mas que no fundo o

detestavam por sua truculência Este aspecto é percebido já dentro de sua família. Os Henrique de Paiva, que deveriam seguir o exemplo magnânimo do pai e senhor, com exceção de sua filha Márcia, não acreditam nele como modelo de idoneidade, pelo contrário, apesar de o temerem, seguem caminhos efetivamente proibidos e inadmissíveis pela intransigência de Trajano. É o caso da homossexualidade explícita de seu filho Sergio o qual inicia sua vingança já no velório do pai em que, além de aparecer acompanhado por duas figuras efeminadas, cospe no rosto do defunto. Esta é a maior prova de ódio relatada no romance.

Já seu outro filho Luís, para casar-se com a mulher que amava, teve que enfrentar a ira de Trajano, contrário ao casamento, que o amaldiçoou desejando-lhe a impotência. Gonçalo, por sua vez, tinha muito do caráter de Trajano, mas seguiu por caminhos políticos contrários aos do interesse do pai, ou seja, tornou-se Integralista, alistando-se nas fileiras de Plínio Salgado, transformando-se assim em um seguidor fanático. Laura, a filha mais nova, esconde-se em seus conflitos. Apaixonada por Renato, jamais obteve o consentimento do pai. Laura foi vítima de uma relação incestuosa e sua vida torna-se mais amarga com a descoberta de que seu próprio pai a violentara.

Ou seja, desde o momento em que desejou publicamente a morte de Dona Santinha, esposa e mãe de seus filhos, o Coronel evidenciou seu instinto degenerado e violento. No entanto, era o Intendente e Aguaclara não poderia jamais viver sem ele, mas a sua morte acontece como forma de libertação. Por isso, todos têm um relato a fazer sobre Trajano. São muitas histórias a serem contadas. São diversos narradores que se revezam para estruturar narrativas simultâneas. Assim, o que parecia ser apenas a história de Trajano, transforma-se pouco a pouco, na história de cada um e esta é a principal novidade de *Bacia das Almas* que, além destes aspectos, apresenta no capítulo intitulado "A Ceia", uma cena com características do teatro rodrigueno, na qual a loucura de Márcia revela os sentimentos de seus irmãos ao mesmo tempo que os liberta.

***Manhã transfigurada* (1982)- o crime e o castigo**

Gênero novela, escrita no período de agosto a novembro de 1981, aparentemente simples, mas que, no entanto, surpreende por sua consistência e ampla complexidade que anuncia a decisão do autor em optar por uma narrativa centrada na psicanálise de cunho feminino. Deixando, com isso, para um plano secundário, o caráter histórico ou regionalista até então encontrado em seus primeiros livros.

Basicamente a história envolve Camila, recém-casada, cujo casamento está em vias de anulação, sob o pretexto de que a noiva não era mais virgem, o escrivão Bernardo e o Padre Ramiro. O triângulo amoroso que não chegou a se formar, mas que foi apenas sugerido por Camila, tem início com Bernardo, encarregado de entregar a ordem de que a mesma permanecesse encerrada em sua casa, como era o costume, mas o escrivão foi seduzido por ela e deixou-se levar por uma paixão doentia.

Trata-se de uma tragédia, revestida em muita sensualidade, a qual apropria-se de sentimentos escondidos e arraigados em tradições para determinar a conduta de personagens aparentemente seguros de seus princípios, mas que são atingidas por experiências que surgem para modificar paradigmas. Estes, fragilizados pelos acontecimentos, buscam em si mesmos parâmetros para alguma comparação, ou apenas uma resposta, mas não encontram.

Após ter Bernardo para si, Camila interessa-se também pelo Padre Ramiro. Este comportamento pautado na lascívia e que demonstra leviandade por parte dela, foi a

maneira que encontrou para vingar-se de seu esposo, o Sargento de Ordenanças Miguel de Azevedo Beirão. E esta decisão não encontra resistência daqueles que representam exatamente a sagração do casamento através da fidelidade e da obediência.

Manhã transfigurada é uma espécie de oficina em que o escritor experimenta sua técnica vigorosamente, de maneira a moldar os personagens de acordo com o que sentem e consegue, de maneira muito hábil, fazer com que estes sentimentos se expressem sem que estes tenham que falar efetivamente. O narrador atribui-lhes uma fala que se anuncia através do monólogo interior e fluxo de consciência.

Assim, o Romance se inicia em um amanhecer repleto de mistérios com a lida de Laurinda e Camila. Após, esta cena é subtraída para dar espaço às narrativas que antecederam aquele momento. No entanto, a narração não só retrocede, como também se repete observando diversos pontos de vista. Ou seja, o ponto de vista de Camila, o de Bernardo, o do Padre Ramiro e até o de Laurinda. Este narrador vai revelando aos poucos a trama, apoiado nas observações de cada personagem. Para, ao final voltar àquela cena que ficou congelada, lembrando um recurso utilizado no cinema, e estabelecer a finalização do Romance. E o desfecho é teatral, ou mesmo cinematográfico. Depois de inúmeros rodeios, Camila não podia mais adiar sua decisão de efetivamente transfigurar uma das inúmeras manhãs daquele lugar tão pacato, ao adentrar a igreja vestida de noiva, com os pés descalços e caminhar em direção ao Padre Ramiro, para subitamente ser morta por Bernardo. Ao final, Bernardo persegue também Ramiro matando-o com um golpe do turíbulo e depois salta da torre da igreja tirando sua própria vida.

A compreensão da tragédia se dá não por qualquer mensagem pré-anunciada, mas por sinais codificados através do comportamento de cada personagem, as quais observam, tecem conclusões silenciosas e se antecipam buscando justificar seus atos, quaisquer que sejam, sem necessariamente dividirem suas dúvidas com algum tipo de confidente. Ou seja, a individualidade exerce um papel de excelência dentro da narrativa, porque as decisões são tomadas a partir de princípios por ela evidenciados.

As virtudes da casa (1985) - entre a janela e o céu

Este livro, escrito de julho de 1982 a agosto de 1984, representa a maturidade do autor ao colocar à mostra os mistérios da alma feminina. O Romance, de cunho psicológico, apresenta três personagens ligados entre si por seus conflitos e dúvidas, imprimindo-lhes a condição de protagonistas. Situação esta que se justifica pela relação existente entre Micaela, mãe de Izabel e Jacinto. A convivência na estância Santa Flora traz consigo a cumplicidade, mas neste caso, não é a mãe quem protege ou orienta os filhos, pelo contrário são eles quem desempenham a tarefa de manter a honra e o bom nome da família, enquanto o pai, Coronel Baltazar Antão, estivesse na guerra.

Além deste aspecto, a narrativa prima pela sensualidade. A bela Macaela, esposa do Coronel Antão, apaixona-se perdidamente por Félicien, um jovem naturalista francês que hospedou-se na estância para colher amostras de plantas e animais. É sugestivo o nome do francês, o qual frustrando-se na tentativa de seduzir Izabel, aproxima-se de Micaela, atraído por sua beleza. Esta corresponde integralmente e, a partir daí, entrega-se cegamente aos ardores de uma relação escandalosa, criando constrangimento aos seus filhos que iniciam um processo de auto-avaliação e posterior necessidade de procurar por uma culpa que imaginam ter. Sentem-se portanto, responsáveis pela situação: Izabel, por não ter aceitado a corte do estrangeiro, e Jacinto por ser tão dependente da

mãe. Enquanto isso, Micaela se realiza porque Félicien lhe proporciona uma forma de amor tão intensa a qual nunca havia experimentado antes com seu marido. Acredita que ele corresponde ao seu amor e decide inclusive fugir. Os filhos se vêem na obrigação de tolher aquilo que poderia macular o nome da família, impedindo que Micaela deixasse a fazenda. No entanto, Félicien a abandona e, ao final Micaela enlouquecida, envenena o Coronel durante a festa em homenagem ao seu retorno da guerra. Suspeita-se do crime, mas ela não é incriminada.

O narrador deste Romance realiza um trabalho minucioso de escavação, à maneira dos arqueólogos, os quais utilizam delicados pincéis para desenterrarem suas peças. Cada personagem é resgatado de seu silêncio e colocado sob a lâmpada de um sutil interrogatório para que exponham suas contradições e dúvidas. Assim, sob o foco de um poderoso fluxo de consciência e monólogo interior, o narrador trabalha a perspectiva dos personagens de forma a expô-los amplamente, à medida em que se condenam. As relações conflituosas vão brotando em cada fala ou pensamento porque a narrativa tem como alicerce, não a ação conjunta, mas sim a individual.

Com recurso semelhante já utilizado em *Manhã Transfigurada*, o narrador desvela a trama de forma a permitir a observação de cada personagem. Ou seja, a história é re-narrada considerando o ponto de vista de cada um. Cada narração serve de complemento à narrativa geral e, embora haja alternância de narradores, para espanto do leitor, a sensação que se tem é que a história se repete. Mas isto ocorre justamente com a finalidade de garantir a cada personagem sua presença e remissão.

É preciso salientar também o jogo estimulado pelo tempo e espaço, principalmente do tempo, delimitado entre a partida e o retorno do Coronel. É o tempo que comanda a existência daquelas criaturas solitárias determinando suas ações que basicamente buscam constatar e dar solução a um problema. E sobre este livro e o drama humano, é o próprio Assis Brasil quem diz:

No caso do livro *As Virtudes da Casa*, para mim é fundamental este aspecto. Considero que nos momentos em que o escrevi, a sensação que tive era de um drama muito doloroso e intenso. É isso, então trato com a matéria humana, pois toda a literatura é assim, desde os gregos.⁹

***Cães da Província* (1987) - teatro de marionetes**

A vida é mesmo um teatro? Em *Cães da Província*, livro de estrutura revolucionária e que foi escrito no período de fevereiro de 1985 e concluído em junho de 1987, esta expressão pode ter um significado incomum. Pois o mesmo relata a história trágica do Dramaturgo José Joaquim de Campos Leão, conhecido como Qorpo-Santo.

No Romance, o Rio Guaíba espelha a provinciana Porto Alegre das últimas décadas do século XIX. De vista muito bela e de porto muito alegre, a cidade se mistura aos seus cidadãos. Estes, e a paisagem, podem ser vistos pela fotografia impecável do retratista oficial da cidade Luiz Terragno. A fotografia traz o tempo passado e o retém para as insinuações do leitor. Eis que de repente, surge uma figura estranha. Um homem alto magro, de cabelos desalinhados e olhos muito verdes. Quem será? Caminha rápido em direção ao Guaíba. Senta-se à sua borda e o rio o reflete intensamente.

A imagem de Qorpo-Santo tornou-se um mito, motivo de escárnio para muitos e de respeito por outros, muito poucos, porém. Assis Brasil, em seu Romance, reconstrói

a lenda do Dramaturgo que não teve nenhuma de suas peças encenadas até a metade do século XX, por serem ainda desconhecidas.

Esta reconstrução não se dá através de tijolos e de cimento ao modo rudimentar. Pelo contrário, esta sedimentação ocorre de forma a expor Qorpo-Santo não só em sua sobriedade, mas também em sua alucinação. Estes estados fundem-se, e a personagem vai tomando forma. Pela sua cabeça desfilam imperadores, como Napoleão, D. Pedro I e D. Pedro II; militares como David Canabarro e até o Papa Pio IX. Enquanto a cidade burburinha e trama contra sua existência.

Qorpo-Santo, sofreu um processo de interdição por ter sido considerado louco, vítima de uma doença incurável, chamada monomania. De acordo com o Romance, a esposa de Qorpo-Santo foi responsável por esta interdição. Inácia considerava que ele não tinha condições de administrar seus bens. Com certeza este é o episódio central. No entanto, há outras narrativas simultâneas que é a de José Ramos e sua bela esposa Catarina Palsen, e a do amigo de Qorpo-Santo, o comerciante Euzébio Cavalcante que assassina sua esposa depois de um processo longo e repleto de conflitos e terror. Eis, inclusive, um tema policial no Romance.

Além disso, o elemento Metaficcional está presente quando discute a perspectiva da arte e do intelectual no país. Ou, mais especificamente, quando o protagonista cria seu teatro e o mesmo é inserido no corpo do texto.

Outra característica marcante está na temática da identidade e da marginalização do homem que se vê prisioneiro de seus próprios atos. A construção do romance se dá em forma de espelho, aspecto este explicitado nas primeiras páginas do Romance: “- Olhe lá, Qorpo-Santo, o rio parece um espelho.”(pg 18) . Lembrando ainda que *Cães da Província* discute a relatividade dos conceitos e o isolamento do ser humano e é instigante quando menciona a antropofagia.

O Romance também aborda o absurdo dentro do teatro criado pelo dramaturgo considerado marginal dentro do padrão canônico na História da Literatura Brasileira. Qorpo-Santo personagem, se antecipa e impõe à sociedade provinciana da Porto Alegre do século XIX um festival de provocações e maluquices. Acreditando assim não ser uma figura histórica e antevendo a forma teatral mais significativa e provocante que os palcos já conheceram.

Desta forma, criador e criaturas esbarram-se nas esquinas. As autoridades oficialmente constituídas são expostas desde seus pensamentos mais íntimos. As ruas transformam-se em um imenso palco de movimento contínuo. Holofotes orientam atores. Onde não se distingue realidade de representação.

Videiras de cristal (A Paixão de Jacobina-) 1990 - cactos amargos

Com este Romance, o escritor retoma a temática histórica ao criar uma ficção espelhada no episódio da guerra do muckers. Escrito no período de setembro de 1988 a outubro de 1990, *Videiras de Cristal*, apresenta de forma bastante convincente aquele momento. No entanto, o próprio autor faz um alerta no posfácio do livro quando diz:

Nunca me passou pela cabeça escrever um Romance Histórico, muito menos uma história romanceada. Assim os puristas de plantão devem esquecer os propósitos de conferir datas, nomes e eventos; talvez os encontrem subvertidos ou mascarados pela fantasia- não tão feérica- do autor (ASSIS BRASIL, 1997, p. 541).

Já nas primeiras páginas do livro, o leitor depara-se com dois mapas: um deles identificado como Império do Brasil, onde se destacam o Rio de Janeiro, São Paulo e a Província do Rio Grande do Sul. E o outro, que representa uma aproximação de lentes, sobressai-se Porto Alegre e toda a região citada no Romance, com ênfase para as colônias alemãs e o morro Ferrabrás, local dos conflitos. Ou seja, o espaço é um aspecto determinante no Romance, por ser coadjuvante à figura da guerra e suas estratégias.

No entanto, o Romance tem início em um espaço distante e desconhecido, a cidade de Rothenburg, na Alemanha. Neste lugar vivia Christian Fischer, jovem médico que tomou a decisão de vir para o Brasil. A esta personagem caberá a tarefa de acompanhar a trajetória dos muckers e narrá-la através de cartas enviadas ao seu tio Hans. Christian vai conhecer Jacobina Maurer, líder dos muckers. Mulher considerada perigosa pelas autoridades e pelas igrejas tradicionais e dotada de poderes sobrenaturais pelos seus seguidores. Nesta personagem estão reunidas a fragilidade e a força; o delírio e a decisão e o amor e o ódio. Jacobina será o centro da narrativa.

A este propósito, é necessário enfatizar que a trama vai se desenvolver apoiada em dois narradores; o primeiro narrador, que fala de fora pela perspectiva geral e, o segundo narrador que apoia-se nesta perspectiva e recria suas impressões através das cartas do médico Christian.

Ou seja, o valor deste Romance está em sua estrutura. Ou na maneira como estes fatos históricos, conhecidos nos meios acadêmicos e no cotidiano dos descendentes de seus protagonistas foram expostos. A valorização de cada personagem, seus percalços, dúvidas e decisões acompanham o argumento de que a escritura de Assis Brasil, jamais teve caráter regionalista, pelo contrário, este livro demonstra o quanto seu autor buscou recriar a história pela perspectiva de cada personagem em que pese a carga emocional destes em relação aos acontecimentos.

Série *Um Castelo no pampa*: - tempestade noturna

Perversas Famílias (1992): Este livro escrito na ilha de São Miguel nos Açores, e em Porto Alegre, entre março de 1991 e outubro de 1992, é o primeiro volume da série *Um Castelo no Pampa*, composta de três volumes. Nesta primeira parte, encontra-se a história do Dr. Olímpio, proprietário do castelo, originariamente idealizado por seu pai João Felício. Este, rico proprietário sonhou em construir o castelo para a esposa Dona Plácida, mulher de educação fina e inteligência aguda. João Felício teve morte trágica, ao ser esmagado por uma das pedras gigantescas da construção. Mas a morte não foi imediata, ficando ele por algum tempo paralítico e transmitiu a Olímpio a incumbência de concluir a construção do castelo. Este o fez, e aquele castelo que lembrava os edifícios da Idade Média, foi concluído para também ser oferecido a uma mulher. Desta vez, uma nobre austríaca, a condessa Charlotte.

Não obstante, a trama que envolve vários personagens, tem como personagem permanente e que exerce papel fundamental, no caso, o próprio castelo, este que é testemunha dos segredos e aflições destas criaturas.

Em *Perversas Famílias*, a vida da aristocracia é revelada como se estes saíssem de trás da cortina negra de um palco, tendo por cenário as paredes misteriosas do castelo. Em sua frieza, a condessa Charlotte que veio para o Brasil após casar-se com Olímpio, jamais deixou a Europa em espírito e, neste novo espaço dos trópicos, resistiu até o seu fim solitário. Tudo aquilo não lhe pertencia, nem os filhos. A eles dedicou total indiferença.

Um fator importante a se destacar é o nome dos personagens, os quais remetem a mitologia e literatura gregas; iniciando por Olímpio, Arquélau e seu irmão bastardo Astor; depois seus filhos Selene, Aquiles e Proteu, também Hermes, que será marido de Selene e, por fim, Páris neto de Olímpio.

Como sequência à história, o livro *Pedra da Memória* (1993), escrito em Porto Alegre e na estância Camboatá- Pedras Altas (região onde efetivamente existe o castelo), entre março e agosto de 1993, funciona como uma espécie de pausa ao narrador o qual apresenta alguns personagens, fazendo com que surjam com uma história de vida, para juntá-los ao grupo. Neste livro, percebe-se a investigação psicológica a qual subtrai destes personagens todas estas informações. O narrador reveza com estes, passando-lhes a palavra. Verifica-se estes momentos nos capítulos "retirados dos diários de Proteu", ou, principalmente nas narrações de Páris, o qual é responsável pela sequência da história.

Já no terceiro livro da série *Os Senhores do Século* (1994), escrito em Porto Alegre, em Berlim e na estância Camboatá -Pedras Altas, entre janeiro e setembro de 1994, o que se tem é uma espécie de retorno ao primeiro livro e a intensificação do relacionamento de Olímpio com Urânia leitora de Homero, que será sua fiel amante até a morte. Descobre-se, portanto, que Urânia é responsável pelos nomes dos filhos e do neto de Olímpio.

É necessário salientar que os três livros estão repletos de narrativas acessórias as quais compõem a estrutura. Há alternância do foco narrativo de forma quase que subliminar em momentos como: "Minhas duas vítimas ali estavam me olhando. superiores a mim, porque para eles já estava revelado os mistérios da morte, e talvez da vida" (ASSIS BRASIL, 1998, p. 222). Ou quando o narrador assume o papel de juiz: " Afinal, afinal o que é feito do teu antigo pudor? Em que desvão dessas horas úmidas o perdeste?" (ASSIS BRASIL, 1998, p.227). Além destes, existe aquela narrativa implícita, realizada pelo amigo de Olympio, o médico Câncio Barbosa, que acompanhou o Deputado por toda a sua trajetória e segue escrevendo sua biografia.

O Pintor de retratos - lentes e tintas

Escrito em Porto Alegre e Gramado, entre março de 1998 e março de 2001, o Romance *O pintor de retratos*, representa uma reviravolta no estilo de Luiz Antonio de Assis Brasil, principalmente em termos de linguagem. O livro narra a história de Sandro Lanari, um imigrante italiano, pintor de retratos, por herança de família e por mera comodidade, mas que acaba se tornando fotógrafo em Porto Alegre no século XIX.

Ao conflito de Sandro, soma-se o do próprio escritor que, amplia seu repertório literário com a inserção de uma personagem estrangeira, experiência já realizada em *Videiras de Cristal*, mas com uma particularidade especial relacionada ao espaço, consolidando assim, uma escritura de caráter universal. Ou seja, o narrador acompanha a trajetória de Sandro desde seu início nas cidades de Vicenza e Ancona na Itália e, posteriormente em Paris, onde este terá o primeiro contato com a fotografia do célebre Nadar. E na fotografia está seu destino e sua obsessão inconsciente.

Com o advento desta atividade, a profissão de pintor de retratos, tornou-se algo obsoleta e, na figura de Sandro, por vezes patética. O romantismo da pintura se esvai com o início da Revolução Industrial. Mesmo que o impressionismo tenha sido gerado nesta efervescência cultural, os pintores não mais conseguiam captar as últimas luzes do

século. Esta tarefa cabia ao fotógrafo que, com seu instrumento rápido e instantâneo congelava fragmentos de vida. O Realismo era bem mais que um movimento literário, pois suas prerrogativas poderiam ser sentidas nos clarões e fumaça deixados por estas engenhocas desengonçadas, as quais registravam o tempo e seus personagens. Apesar do interesse inicial, Sandro Lanari não se tornou um aquarelista por sugestão de seu pai que via a pintura como uma questão de sobrevivência, por isso o correto a fazer era pintar retratos para ter o mínimo de dignidade. Entretanto, nada do que foi esperado aconteceu, pois Sandro não tinha talento como seus ancestrais e a solução era emigrar para o Brasil, em um novo mundo, aonde certamente poderia ganhar muito dinheiro com seu trabalho.

No entanto, chegou tarde, pois a sucessora da daguerreotipia, já lá estava como algo muito formidável àquela população ansiosa por modismos e coisas novas. Em Porto Alegre vivia mal, mesmo com a ajuda de outros italianos. E a culpa de sua desgraça era de responsabilidade da fotografia, aquela impostora que nem poderia ser considerada como arte. Após o envolvimento com Violeta, filha de um advogado de classe alta, Sandro teve que fugir de Porto Alegre e, assim sua vida definitivamente vai mudar. Ao atender a solicitação para pintar um estancieiro morto, o pintor se vê em um ambiente bizarro. Reconhece que somente com a pintura pode enganar a morte. Sempre chamado para atender viúvas ricas e seus parentes, Sandro consegue ganhar alguma coisa e até contrata um índio para ajudá-lo em seu trabalho pelos confins dos pampas. Mas é finalmente apanhado pela Revolução Federalista, preso e transformado em fotógrafo oficial da tropa. A fotografia é imposta em sua vida, ganha todo o equipamento e, partir daí, a pintura será definitivamente esquecida. Todo seu material de trabalho foi abandonado pelo caminho. Neste momento percebe-se abandono de si mesmo e de seu passado. Em meio aos combates, Sandro fotografa uma cena da degola, prática constante entre os revolucionários. Esta será designada a sua Foto do Destino. Ao retornar para Porto Alegre reencontra-se com Violeta e com ela se casa. Instala-se como fotógrafo e associa-se com Carducci, fotógrafo conceituado na região que lhe ensina todos os segredos da arte fotográfica. Respeitado, Lanari tem uma vida confortável, mas após a morte de seu pai, terá que retornar à Itália para resolver pendências familiares. Fará então uma escala em Paris. Revê a misteriosa fotografia de Sara Bernhardt e desafia Nadar a fotografá-lo. Discute a finalidade e a essência da arte e, após a seção, revelou a Nadar a sua Foto do Destino e este o expulsou acusando-o de bárbaro.

O narrador deste livro pretende-se amplo. Seus argumentos encontram firme respaldo nas ações impensadas do personagem protagonista. Ou em suas repetidas omissões. Verifica-se, no entanto, uma dúvida capaz de levar o leitor a um sério dilema. Como acompanhar os percalços do personagem se este se expõe por caminhos diferentes? Ou seja, ao descobrir a fotografia da atriz, a personagem se revela uma pessoa diferente daquela que pensava conhecer. Aquela fotografia representa o início de toda uma trajetória vivencial a qual tem seu curso alterado após o encontro com outra fotografia, no caso a Foto do Destino. Isto é, o elemento que direciona e modifica sua existência é a fotografia, algo inicialmente inaceitável por Sandro. A fotografia, desta forma, amplia o espaço abrangido pelo monólogo interior e fluxo de consciência da personagem caracterizando-se como uma narrativa acessória.

O Pintor de Retratos recebeu o prêmio Machado de Assis da Biblioteca Nacional em 2001. Trata-se da 15ª obra publicada por Assis Brasil e representa a consolidação da carreira do escritor.

***A margem imóvel do rio* (2003) - silêncio no horizonte**

Este Romance, escrito de junho de 2001 a junho de 2003, é um daqueles livros que, parecem deixar o leitor com uma estranha sensação de estar fazendo parte de um jogo, não exatamente como jogador, mas como mais uma de suas peças. Trata-se de uma intrincada estrutura de labirinto que faz com o personagem nos leve para onde quer. É surpreendente, como nos deixamos prender sob pretexto de acompanhar o Cronista oficial da Corte de Dom Pedro II em sua visita à Província do Rio Grande do Sul em pleno Século XIX.

Trata-se de uma paródia à curiosidade histórica. O historiador é deslocado de seu espaço para encontrar um tal Francisco da Silva, suposto estancieiro dos confins dos pampas. Ocorre que este gaúcho cobra uma promessa feita pelo Imperador há vinte anos atrás, de agraciá-lo com o título de barão em reconhecimento por sua hospitalidade. E lá se vai um personagem sem nome em busca de um nome. No entanto, tudo deveria ser feito de forma que os Republicanos não tomassem conhecimento daquela negligência.

O romance, tem caráter histórico e revela como objetos de seu cenário e certas peças são necessárias ao compromisso e identidade da personagem com seu mundo: "[...] as verticais estantes com livros de História e certos romances de Walter Scott e Sterne, o aparador com tampo de mármore ele transformara em depósito de mapas, e uma graciosa estátua de Clio em gesso [...]" (ASSIS BRASIL, 2003, p. 17).

Após sua partida, o historiador recria uma outra existência. Sai em busca de si mesmo e vê-se muito mais perto da história, mas não a história a que está acostumado ou a história por ele tantas vezes escrita, ou seja, ele encontra a história omitida ou esquecida naquelas distantes terras do sul do país.

Quando retorna já não é mais o mesmo. Nem o país tem mais um imperador. Já não tem mais nenhum compromisso e a história? O que importam suas anotações, se todas são passíveis de serem apagadas.

Neste livro, o argumento da discussão entre história e literatura ou literatura histórica é subvertido passando o personagem a personificar este caráter polêmico e, ao mesmo tempo transitório destes dois pontos de vista. Deixando subentendido que o historiador pode interferir assim como o romancista e, de acordo com suas perspectivas e ideologias

Muito além dos livros que são concebidos

Obviamente que não é assim que se conhece o escritor. A sua biografia explicitada até a exaustão não lhe confere nenhum passaporte aos muros da posteridade. Antes é necessário ouvir o que ensina Ítalo Calvino, quando se refere à rapidez literária: "[...] a rapidez de estilo e de pensamento quer dizer antes de mais nada agilidade, mobilidade e desenvoltura[...]" (CALVINO, 1990, p. 59). E encontrar em trechos da obra de Assis Brasil : " As pinceladas, perceptíveis, mas leves, arejavam os espaços, entre o modelo e a paisagem. A mulher sorria, e das pupilas saía uma centelha de atrevimento" (ASSIS BRASIL, 2002, p. 168).

Basta caminhar descompromissadamente pelos livros de caráter histórico ou não para confirmar a preocupação do escritor com a técnica e seu aperfeiçoamento contínuo.

A cada livro, propõe-se uma nova e inédita discussão. E, ao avaliar sua própria obra é ele mesmo quem argumenta:

Todo o livro que começo é sempre uma tentativa de escrever o melhor livro até então. Por isso, quando alguém me diz que leu todos os meus livros e achou que o melhor de todos foi o primeiro, é a pior coisa que pode dizer para um escritor, significa que a pessoa realmente só regrediu.¹⁰

Na sequência e, retomando a Calvino que alega ser a literatura responsável por abrigar a ousadia:

A excessiva ambição de propósitos pode ser reprovada em muitos campos da atividades humana, mas não na literatura. A literatura só pode viver se se propõe a objetivos desmesurados, até mesmo para além de suas possibilidades de realização. (CALVINO, 1990, p. 127).

Aspecto que se percebe em obras como a série *Um castelo no Pampa e Cães da Província*. Já o Romance *Concerto Campestre*, acompanha a alternativa citada por Calvino como Leveza e a suavidade da música :

E muito tempo se passou sobre isso. Clara Vitória, como quem se desfaz de uma pele muito antiga, perdia a noção de si mesma, e quando veio a nova primavera, surpreendeu-se com o sol vagaroso e com o calor.(ASSIS BRASIL, 1997, p. 159)

Ao final, aqui está o legado deste escritor. Obviamente que não na totalidade e com as falhas previstas e as inesperadas. Afinal, fazer crítica, assim como escrever romances, também é um constante aprendizado e ao tempo cabe determinar o momento certo da colheita.

¹ Trecho de entrevista concedida à autora

² Idem

³ Idem- texto anexo à entrevista

⁴ Reprodução de informações obtidas da página www.laab.com.br

⁵ Prêmios Literários mais relevantes: Prêmio Literário Nacional do Instituto Nacional do Livro 1988, por *Cães da Província*; Prêmio Literário Erico Verissimo 1988, pelo conjunto de sua obra, concedido por unanimidade da Câmara de Vereadores de Porto Alegre; Prêmio Açorianos de Literatura 1994/1995, o melhor romance e melhor obra do ano, com *Pedra da Memória* e *Senhores do século*; Prêmio Pégaso de Literatura Latino-americana de Bogotá 1994, Colômbia: Menção especial do júri, por *Pedra da memória* em 1994 ; Prêmio Machado de Assis; 2001, Biblioteca Nacional, por *O pintor de retratos*; Livro do ano, pela Associação Gaúcha de Escritores, 2004 (romance) para *A margem imóvel do rio*; Prêmio Jabuti 2004 -2º classificado com *A margem imóvel do rio*; Prêmio Portugal Telecom 2004 - Único romance classificado entre os três vencedores: *A margem imóvel do rio* .

⁶ Trecho de entrevista concedida à autora

⁷ Entrevista concedida a José Pinheiro Torres, disponível na página www.laab.com.br

⁸ Informações obtidas na página assisbrasil.org/acores.html

⁹ Trecho de entrevista concedida para a autora

¹⁰ Idem

Referências Bibliográficas

-
- AÍNSA, Fernando. “La Nueva Novela Histórica Latino Americana”. *Plural*, 240 (82-85), 1991.
- ASSIS BRASIL, Luiz Antonio. *Videiras de Cristal*. 5ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- _____. *Concerto Campestre*. 8ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- _____. *Perversas Famílias*. 5ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.
- _____. *A margem imóvel do rio*. Porto Alegre: L&PM, 2003.
- _____. *O Pintor de Retratos*. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- CALVINO, Italo. *Seis Propostas para o Próximo Milênio*. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- MAROBIN, Luiz. *A Literatura no Rio Grande do Sul: Aspectos Temáticos e Estéticos*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1985.
- ZILBERMAN, Regina. *A Literatura no Rio Grande do Sul*. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

A autora é graduada em Jornalismo e aluna do Curso de Doutorado em Letras na Unesp de Assis-SP, sob orientação do Prof. Dr. Antonio Roberto Esteves